

Tribunal de Justiça do Rio inaugura a 1ª Vara das Garantias

A 1ª Vara das Garantias, cujo objetivo principal é assegurar um juízo que vai proteger ainda mais os direitos e garantias de quem for investigado na área criminal e que vai supervisionar a legalidade da investigação e outras fases pré-processuais, foi inaugurada na quinta-feira, 10 de julho, no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ).

O novo juízo especializado será responsável e vai atuar no controle da legalidade da investigação criminal e também garantir os direitos individuais durante a fase pré-processual do processo penal. A vara será conduzida pelo juiz auxiliar da 2ª Vice-Presidência Marco José Mattos Couto.

Ao inaugurar a 1ª Vara das Garantias, que já está em funcionamento, o presidente TJRJ, desembargador Ricardo Couto de Castro, ressaltou a importância da instalação de um juízo que vai evitar contaminações no âmbito das apurações criminais: “Um dia de marco democrático”

O desembargador também ressaltou, assim como a desembargadora Maria Angélica Guimarães Guerra Guedes, 2ª vice-presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, o trabalho conjunto e democrático entre o Ministério Público, a Defensoria Pública, a Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Rio de Janeiro, e a Polícia Civil para a criação da 1ª Vara das Garantias do Judiciário fluminense.

Tanto o procurador-geral de Justiça, Antonio José Campos Moreira, e a presidente da OAB/RJ, Ana Tereza Basilio, presentes à cerimônia, elogiaram a criação da Vara das Garantias e o tempo que a administração do presidente Ricardo Couto, à frente do TJRJ há menos de sete meses, teve para instituí-la.

“A implementação do juiz de garantias é um avanço civilizatório para o Rio de Janeiro. A advocacia estará ao lado do Tribunal para ajudar, auxiliar e contribuir no que for possível, para que este projeto dê certo. Assim, vamos dar um exem-



Brunno Dantas/TJRJ



Da esquerda para direita: representando o Defensor público-geral, Paulo Vinicius Abrahão; presidente do TJRJ, desembargador Ricardo Couto; 2ª vice-presidente do TJRJ, desembargadora Maria Angélica Guedes; presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio; e o procurador-geral, Antônio José Moreira



Antonio José Campos Moreira, procurador-geral de Justiça do Rio



A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio, prestigiou a inauguração



O presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, Ricardo Couto

plo para o país de que o juiz de garantias traz mais segurança para o jurisdicionado, é positivo para a magistratura e para a advocacia”, comentou Ana Tereza Basilio, presidente da OAB-RJ.

Já o procurador-geral de Justiça, Antonio José Campos Moreira disse: “Gostaria de ressaltar a seriedade e a competência com que o TJ-RJ, através do seu presidente, Ricardo Couto de Castro, e

de sua 2ª vice-presidente, Maria Angélica Guimarães Guerra Guedes, conduziu os trabalhos para a implementação da Vara das Garantias. Um trabalho que contou com a colaboração do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), extremamente profícuo. Nossa instituição se coloca à disposição do TJ nesta iniciativa, que tem por finalidade bem servir à sociedade fluminense”.

Educação e Inteligencia Artificial no Fórum de Lisboa

A professora doutora Patrícia Werner, da Escola de Comunicação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), presidiu com maestria uma das mais importantes mesas do Fórum de Lisboa, realizado na última semana.

Com o tema “Educação e Inovação na Era Inteligente”, a mesa de discussão contou com o ministro do Supremo Tribunal Federal, André Mendonça; o secretário de Educação da cidade do Rio, Renan Ferreirinha; o promotor de Fundações do MPRJ, José Marinho; o diretor de uma das mais impressionantes escolas de ensino médio do Brasil, Luizinho Magalhães, Instituto J&F; e o presidente do Itaú Cultural, Eduardo Saron.

“Como deve ser nossa educação num mundo que está sendo radicalmente transformado por tecnologias exponenciais? É possível estabelecer limites necessários - como a proibição do uso de celulares em escolas, que começou no Rio e ganhou todo o país - enquanto temos a tecnologia como aliada da educação? Sim, os GETs do Rio são uma resposta pra esse aparente dilema. O modelo mais inovador de escola do Brasil já está presente em mais de 200 escolas municipais cariocas. Educação mão na massa, em tempo integral - os GETs são os CIEPs do século XXI”, destacou Ferreirinha pelas redes sociais após o evento, que fez questão de agradecer formalmente o convite feito pelos organizadores, em especial o ministro Gilmar Mendes.

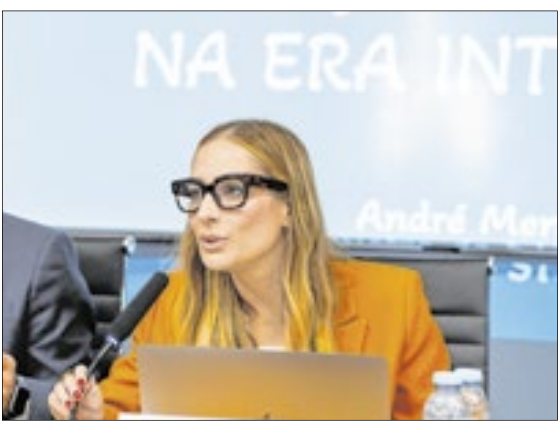


Fotos CM

Mesa contou com autoridades, como o ministro do Supremo Tribunal Federal, André Mendonça. Além de especialistas em educação



A professora doutora Patrícia Werner com o secretário municipal de Educação do Rio, Renan Ferreirinha



O encontro no Fórum de Lisboa foi presidido pela professora doutora da Escola de Comunicação da FGV, Patrícia Werner

Fernando Molica

“Dependência ou morte”: o projeto de um Brasil porto-riquenho

Declarações de alguns bolsonaristas indicam que, para eles, o Brasil deveria imitar Porto Rico e se transformar em estado livre associado aos Estados Unidos. Assim, formalizaria sua dependência aos norte-americanos e abriria mão de qualquer gesto soberano que pudesse irritar o país de Donald Trump.

Assim que o tarifaço norte-americano foi anunciado, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), jogou a culpa no presidente Lula (PT), que, na reunião do Brics, ousara verbalizar uma maior aproximação com países como a China e repetiu a proposta de diminuição da necessidade do uso do dólar como moeda do comércio internacional.

É evidente que cada gesto no delicado campo das relações entre nações tem

que ser medido, principalmente quando estão em jogo relações com potências como os EUA. Mas isso não quer dizer que o o Brasil tenha que se conformar com um papel de submissão absoluta, obrigado a pedir autorização para fazer movimentos mais ousados.

O grito “Dependência ou morte” da extrema direita fica ainda mais caricatural por estar atrelado a um interesse pessoal do ex-presidente Jair Bolsonaro, o de não ser preso. Foi para tentar manter o pai livre que o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) foi morar nos EUA.

Ele não tomou a decisão para tentar barrar uma aproximação com a China comunista. Tanto que sua jornada por lá é financiada pelo próprio pai, não por alguma associação ligada à defesa das ligações entre nosso país e o de Trump.

Eduardo aceitou servir de disfarce do do grande interesse do governo norte-americano — o de impedir que o chamado Sul Global construa relações políticas e comerciais que não tenham que passar por Washington ou Nova York. Não foi à toa que o chilique tarifário de Trump ocorreu assim que foi encerrada a reunião do Brics; Bolsonaro entrou como Pilatos no credo do império que decidiu contra-atacar.

Eduardo não vacilou ao chegar ao extremo de pedir ao povo brasileiro que agradeça Trump pelas medidas que ameaçam a renda e empregos em nosso país e ainda clama pela aplicação da lei que permite ao governo norte-americano punir cidadãos estrangeiros, no caso, o ministro Alexandre de Moraes, do STF.

O deputado licenciado quer que

a maior das potências interfira diretamente na vida de seu próprio país. Uma manifestação de viés sadomasoquista que remete à Síndrome de Estocolmo (a história de um sequestrado se afeiçoar ao seu algoz) e que reabilita o princípio formatado pelo então presidente argentino Carlos Menem, para quem seu país deveria ter “relações carnisais” com os Estados Unidos. Sabemos os danos que tamanha intimidade já causou na América Latina.

Eduardo propõe, na prática, a relativização da nossa independência brasileira. Lá pelo início dos anos 1960, a direita brasileira, associada aos EUA, falava que nosso país corria o risco de se transformar numa versão gigantesca de Cuba que, no pós-revolução, aderira ao socialismo. O medo então disseminado serviu de pretexto para o Golpe de 1964.

Hoje, a extrema direita toma como modelo outra ilha caribenha, Porto Rico, colônia que sequer integra o colégio eleitoral responsável pela escolha do presidente dos EUA. Os habitantes de lá elegem um “comissário residente” para a Câmara dos Representantes na capital norte-americana, um parlamentar que não tem direito a voto.

Eduardo, que outro dia ressaltou o poder bélico e econômico dos Estados Unidos para ameaçar seu país, atua para que sejam uma nova e — agora — bem-comportada versão dos Sharks, a gangue porto-riquenha de “West Side Story”. Mas, na versão bolsonarista do clássico da Broadway e do cinema, o grupo de brasileiros aceitaria ser agredido pelos mauricinhos brancos que integram a Jets.